

# O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 9296 | Salvador, quarta-feira, 15.04.2026

Presidente em exercício Elder Perez



Governo Lula adota medidas para reduzir os impactos da crise global dos combustíveis, resultado da guerra dos EUA e Israel contra o Irã. País tem uma das menores altas do mundo



COMBUSTÍVEIS

**Alencar Ferreira e as eleições na Previ**

Página 2

**Caos no Itaú Alagoinhas**

Página 3

## Governo reduz os efeitos da guerra

Um exemplo claro da diferença gritante entre dois modelos de governar. As medidas preventivas do projeto de democracia social do governo Lula reduziram bastante os efeitos da guerra no Irã sobre os preços dos

combustíveis no Brasil, incluído entre os países com menores aumentos. Se fosse a agenda ultraliberal de Flávio Bolsonaro, seria o salve-se quem puder, como foi na época do pai. Resumindo, danem-se os mais pobres. Página 4

# Gestão e compromisso

Com mais de quatro décadas de vínculo com a Previ e trajetória marcada pela atuação sindical, Alencar Ferreira integra a Chapa 2 com o compromisso de fortalecer a participação dos mais de 190 mil associados e defender a gestão paritária. Em entrevista ao **O Bancário**, ele apresenta propostas, avalia o cenário atual dos planos e destaca os principais compromissos com funcionários e aposentados do BB.

ITANA OLIVEIRA  
imprensa@bancariosbahia.org.br

**O BANCÁRIO** - *Quem é Alencar Ferreira, candidato a Diretoria de Administração da Chapa 2?*

ALENCAR FERREIRA - Eu entrei no BB em fevereiro de 1983. Depois, tive uma experiência importante no movimento sindical. Fui um dos fundadores da Associação dos Bancários de Guarulhos, hoje Sindicato de Guarulhos. Nos anos 1990, fui diretor do Sindicato dos Bancários de São Paulo, da antiga CNB (Confederação Nacional dos Bancários da CUT) e da atual Contraf. Também fui coordenador da Comissão de Empresa dos Funcionários do BB nos anos 90, inclusive durante as reformas estatutárias da Cassi e da Previ. Fiz cursos na área de previdência e minha formação inclui mestrado em economia. Sou associado da Previ há 43 anos.

**O BANCÁRIO** - *Como a Chapa 2 pretende fortalecer a participação dos associados nas decisões da Previ?*

AF - Essa é uma pergunta muito relevante. Somos apoiados pelo movimento sindical, pelas duas confederações de bancários e pelas entidades nacionais do funcionalismo. Então, a ANA-BB, a FENABB e a FBB estão co-

nosco. Isso é muito importante para ganhar a eleição, óbvio, mas é ainda mais importante na gestão da Previ, porque queremos manter um canal direto de comunicação com os mais de 190 mil associados. Ao longo dessas mais de quatro décadas passei por diversas conjunturas, em que nossos interesses foram atacados, sejam na Previ, Cassi ou direitos trabalhistas. E foram essas entidades que estavam do lado dos funcionários do BB. Na mesa do presidente da Câmara dos Deputados, há o PLP 268, que prevê a extinção da gestão paritária nos fundos de pensão. É um ataque frontal aos interesses dos associados da Previ. Eles querem acabar com um pilar fundamental da governança. Se isso for a plenário, com quem a gente vai tratar? Com os sindicatos e as entidades nacionais. Eu não acredito em independência. Tem chapa que fala "eu sou independente". Independente, se você quiser ser, se isola em uma ilha e fica lá. O homem é essencialmente social e nós sabemos disso.

**O BANCÁRIO** - *Qual é o principal compromisso da Chapa 2 com os trabalhadores e aposentados da Previ?*

AF - A Chapa 2 tem diversas propostas para os diferentes pú-

blicos da Previ e estamos aprofundando cada uma delas. No Plano 1, vamos continuar com a estratégia de imunização de passivos, que consiste em, lentamente e aproveitando boas oportunidades de mercado, migrar da renda variável para a renda fixa. Para o Plano Previ Futuro, tivemos uma vitória importante no ano passado: a atualização da tabela PIP, criada em 1998, quando a estrutura de carreira era outra. Também queremos incluir a remuneração variável, PDG e PLR, na contribuição 2B, com uso da tabela PIP. Hoje isso só é possível pela 2C, sem contrapartida do banco. É fundamental que, a cada real contribuído, o banco coloque outro, dobrando o valor acumulado. Outro foco são os perfis de investimento de ciclo de vida e pré-aposentadoria. Temos observado que muitos colegas erram ao escolher perfis tradicionais, entrando no agressivo na alta e saindo na baixa, prejudicando a rentabilidade. Nos ciclos de vida, o associado define sua estratégia previdenciária, quando pretende se aposentar, e a alocação se ajusta automaticamente: mais renda variável no início e mais renda fixa próximo da aposentadoria. Também temos propostas para a Capec. Hoje, menos da metade dos participantes do Previ Futuro possui Capec.

**O BANCÁRIO** - *A Chapa 2 afirma que o Plano 1 está equilibrado. Quais são os dados ou critérios que sustentam essa avaliação hoje?*

AF - Quando a gente pensa em previdência, temos de pensar no longo prazo. A Previ tem uma política de liquidez para o pagamento da folha nos próximos meses. Ela é robusta, adequada. A gestão do nosso portfólio também é de longo prazo. No caso do Plano 1, são R\$ 255 bilhões. No



Alencar Ferreira, candidato na Previ

Previ Futuro, R\$ 42 bilhões. E, em gestão de longo prazo, a gente não pode cair no pavor do dia a dia: o mercado subiu, "que bom"; o mercado caiu, "que ruim". Não é assim. A visão é sempre de longo prazo. Tivemos fatores conjunturais, em 2024, fatores de mercado e fatores regulatórios, que eu posso explicar melhor na sequência, que afetaram o resultado daquele período. Mas, em 2025, com as questões regulatórias resolvidas e com o mercado valorizando, o Plano 1 da Previ teve, no ano, superávit de R\$ 15 bilhões. E, no acumulado, o importante, R\$ 12,5 bilhões.

**O BANCÁRIO** - *Por que os associados devem votar na Chapa 2?*

AF - Temos uma história de compromisso com a Previ, uma história de vitórias. Conquistamos a gestão paritária e defendemos sempre os interesses dos associados. Já enfrentamos momentos difíceis, inclusive com intervenção do órgão regulador, e sempre estivemos ao lado da maioria dos funcionários. Nossa chapa é apoiada pelo movimento sindical e pelas entidades nacionais, e representa a diversidade. É a única com uma mulher candidata à diretoria, Lissane Holanda (Planejamento), uma profissional com trajetória sólida no Banco do Brasil e atual vice-presidente da ANABB. Temos também diversidade racial, LGBTQIA+ e representantes de todas as regiões do país. Analise nossas propostas, pense no seu futuro e vote Chapa 2. Vem com a gente.

## Vozes que Transformam

A **PLURALIDADE** de ideias, o respeito às diferenças e a construção de um ambiente de trabalho, e de sociedade também, são próprios do movimento sindical. Para avançar ainda mais, o debate é constante. No próximo dia 25, a partir das 9h, acontece o Encontro *Vozes que Transformam: Mulheres, Diversidade e Inclusão em movimento*, no Hotel Portobello, em Salvador.

Os associados ao Sindi-

cato dos Bancários da Bahia que desejam se inscrever podem acessar o link: [https://docs.google.com/forms/d/1xv9\\_RNLqQr1qHMPjWBuDXI-c0LxT\\_3GtQ9rYpyJvwcNs/viewform?pli=1&ts=69d66275&pli=1&edit\\_requested=true](https://docs.google.com/forms/d/1xv9_RNLqQr1qHMPjWBuDXI-c0LxT_3GtQ9rYpyJvwcNs/viewform?pli=1&ts=69d66275&pli=1&edit_requested=true).

A mesa de abertura terá debates conjuntos com a promotora de Justiça da Bahia, Sara Gama Sampaio, Tiago Azeviche, criador da Positivar Masculinidades, e o advogado Dimitri Sales.

A manhã termina com a mesa “Inclusão para além das cotas”, que terá como palestrante a presidente da ABADEF (Associação Baiana de Deficientes Físicos), Silvanete Brandão.

À tarde serão duas atividades. Em uma sala, o 9º Encontro das Bancárias da Bahia e Sergipe e na outra o 3º Encontro Diversidade Bancária LGBTQIAPN+ da Bahia e Sergipe. O encerramento será às 18h.



25  
ABRIL  
2026

HOTEL  
PORTOBELLO  
SALVADOR  
BAHIA



Sindicato vem denunciando o desmonte dos serviços promovido pelo Itaú

## Atendimento em colapso

Caos na agência Alagoinhas expõe o descaso dos bancos

JÚLIA PORTELA  
imprensa@bancariosbahia.org.br

O **SINDICATO** dos Bancários da Bahia recebeu denúncia so-

bre o colapso no atendimento do Itaú de Alagoinhas, após o fechamento de agências na região, incluindo a unidade de Catu. A concentração forçada de clientes em uma única unidade provoca superlotação, filas e dificuldades de acesso aos serviços bancários. Os transtornos escancaram os impactos da política de cortes adotada pelo banco.

O problema se repete em toda a Bahia: enquanto os bancos acumulam lucros bilionários, agências são fechadas, especialmente no interior, e funcionários demitidos. A chamada digitalização, vendida como solução, não atende a maioria dos usuários, que segue dependentes do atendimento presencial e enfrenta um serviço cada vez mais precarizado.

Além de atingir os clientes, a política de cortes impacta diretamente os bancários que ficam. Cada vez mais sobrecarregados terminam doentes. A postura do Itaú evidencia total descumprimento social ao priorizar o lucro em detrimento do direito básico ao atendimento digno. Diante desse cenário, o Sindicato cobra reabertura das agências fechadas e garantia de condições adequadas de trabalho e atendimento.

## GEVs cobram Equiparação na Caixa

**OS GERENTES** Executivos de Varejo da Caixa intensificam a mobilização nacional por mudanças na função. A principal reivindicação é a adequação do cargo ao nível hierárquico e salarial de funções equivalentes em outras áreas do banco, como as superintendências de Habitação (SEH) e de Governo (SEG), enquadradas no nível T1-N5.

A demanda é antiga. Foi aprovada no Encontro Nacional dos Gestores, em 2023, e, desde então, é levada à direção do banco. Em alguns estados até já passou para o campo jurídico. Na Bahia, o Sindicato estuda ingressar com ação para garantir o reconhecimento do direito.

A principal insatisfação são as responsabilidades atribuídas aos GEVs e a remuneração recebida. Na prática, os empregados



exercem funções estratégicas, com alto grau de cobrança por metas e resultados, sem o devido enquadramento na estrutura de carreira do banco.

Outro problema é a falta de padronização na gestão das demandas entre as SEVs (Superintendências Executivas de Varejo). Isso mostra um problema de encarecimento. Na avalia-

ção dos dirigentes, o volume e a complexidade das atribuições justificariam, no mínimo, uma equiparação com funções como a de PJ (Pessoa Jurídica).

Vale destacar que a situação se agravou após a reestruturação da Rede de Varejo, em 2020, durante a gestão de Pedro Guimarães. Desde então, a rotina dos GEVs é de sobrecarga.

# Menor impacto no Brasil

Medidas preventivas do governo reduzem os efeitos da guerra

ROSE LIMA  
imprensa@bancariosbahia.org.br

**APESAR** da narrativa da mídia e da extrema direita, os dados mostram que o Brasil tem conseguido reduzir os impactos da crise internacional sobre os combustíveis. A alta global é puxada pelas tensões com o conflito insano promovido pelos Estados Unidos e Israel contra o Irã.

Diante do quadro, o governo Lula adotou medidas para conter os repasses ao cidadão. O resultado aparece nos números. Levantamento do *Global Petrol Prices*, divulgado em 10



Com refinaria privatizada por Bolsonaro, na Bahia gasolina é mais salgada

de abril, mostra o Brasil na 90ª posição entre 128 países na lista de alta da gasolina. No diesel, o país ocupa a 71ª colocação.

Enquanto no mundo a gasolina subiu, em média, 23,5% e o diesel 50,8%, no Brasil os au-

mentos foram de 7,6% e 23,5%, respectivamente. A contenção

está ligada a medidas como subsídios ao diesel e ao gás de cozinha, desoneração de tributos e maior fiscalização para evitar abusos nos postos.

Mas, nem todos sentem os benefícios. Na Bahia, por exemplo, a privatização da antiga refinaria Landulpho Alves, hoje Mataripe, os preços dispararam. Em março, a gasolina subiu 17,37% em Salvador, quase quatro vezes a média nacional (4,59%). O diesel avançou 23,83%, bem acima dos 13,90% registrados no país. Até o etanol seguiu a distorção: alta de 0,93% na média nacional contra 10,14% na capital baiana.



## SAQUE

Rogaciano Medeiros

**SUPREMO BASTIÃO** Mesmo com conflitos internos fabricados e levianos ataques bolsonaristas, amplificados pela mídia corporativa, o STF se mantém como maior bastião da democracia. Por isto virou alvo principal da extrema direita, que quer o vale tudo, a lei do mais forte, o mundo das *fake news*, das *big techs* e *bets*, para lucrar ainda mais, transformando o Brasil em quintal dos Estados Unidos. É o velho espírito de vira-lata.

**NÃO HESITARÁ** Encorajada pelo apoio recebido de Trump para chegar ao poder a qualquer custo, a extrema direita nativa vai fazer de tudo, legal e ilegalmente, para vencer nas urnas. Mas, se não conseguir, o que é mais provável, não hesitará em tentar novo golpe de Estado, como fez no governo Bolsonaro. Desta vez com apoio do império. Mais um dado complicador para a eleição deste ano.

**SERÁ DESASTROSA** A conjuntura internacional hoje é bem diferente. Em vez de Biden, que exigiu respeito às urnas em 2022, o presidente dos EUA é Trump, extrema direita, líder dos bolsonaristas golpistas que prometem, se eleitos, entregar as terras raras ao império. Uma derrota da democracia social no Brasil será a consagração da retomada da doutrina Monroe na América Latina.

**PODE AMPLIAR** Qualquer análise lógica indica favoritismo de Lula na corrida presidencial, que deve ser decidida por margem apertada. Em 2022 foi de apenas 1,8%. Em nível do Legislativo, o desafio é bem maior. A atual maioria reacionária tem o apoio de setores poderosos como as máfias da bíblia, do boi e da bala. Mesmo assim, é possível ampliar a bancada progressista nas eleições de outubro. Redução de danos.

**MESMA GALERA** A eleição tem acirrado a disputa entre o projeto de democracia social de Lula e a agenda ultraliberal do clã Bolsonaro, com impacto direto no STF, onde começam a se reaglutinar os ministros indicados pelo PT que depois viraram lavajatistas. Fux, Fachin e agora Cármen estão cada vez mais unidos e próximos de Mendonça e Kássio. Ainda bem que Barroso já foi.

## Mais perto da redução da jornada

**IMPOSSIBILITADO** de alterar sozinho a jornada de trabalho para os brasileiros, o governo avança no que está ao alcance. Ontem, trabalhadores terceirizados que prestam serviço à administração pública tiveram a jornada reduzida de 44 para 40 horas semanais, além do direito ao reembolso-creche.

A medida se aplica aos profissionais em regime de dedicação exclusiva, ou seja, aqueles que não podem exercer outra atividade remunerada, pública ou privada. No caso do reembolso-creche, o valor será de R\$

526,64 por dependente. O auxílio beneficia mais de 40 mil trabalhadores e 14 mil crianças de até seis anos.

Já a redução da jornada, sem corte salarial, pode alcançar até 60 mil pessoas e amplia uma política iniciada em 2024, que já havia atendido cerca de 20 mil trabalhadores em fases anteriores. Ficam de fora apenas os contratos em escala 12x36 e 24x72.

É um avanço, mas ainda parcial. A redução da jornada para 40 horas, sem redução de salário, precisa alcançar todos os trabalhadores em escala 6x1.

